

CORRIDA À CASA BRANCA

O que a vice já falou do Brasil

Pré-candidata democrata criticou duramente Bolsonaro pelas queimadas na Amazônia. Também repudiou o 8 de janeiro

» ISABELA STANGA

A vice-presidente dos Estados Unidos e pré-candidata à Presidência pelo partido democrata, Kamala Harris, é uma observadora da política brasileira antes mesmo de formar uma chapa com Joe Biden para a Casa Branca.

Alinhada à pauta ambiental e democrática, Harris emitiu duras críticas a episódios que marcam o Brasil, especialmente durante o governo Bolsonaro. Em 2019, quando ainda era procuradora-geral da Califórnia, Kamala criticou veementemente a política do então presidente Jair Bolsonaro com relação à Amazônia.

O desmatamento na região entre agosto de 2018 a julho de 2019 foi de mais de 10 mil km quadrados, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Além disso, as queimadas chegaram a tal ponto que houve um aumento de 300% dos focos de incêndio em um único dia (10 de agosto). Kamala Harris criticou duramente Bolsonaro, chamando-o de “presidente tipo Trump”.

“Enquanto a Amazônia queima, o presidente do Brasil tipo Trump deixa madeireiros e mineiros destruírem a terra, e não está agindo. Trump não deveria

Reprodução



Kamala Harris
@KamalaHarris · Seguir

President Bolsonaro has actively encouraged the Amazon fires and rejected help from the G7 to combat them. Trump just pledged his full support to Bolsonaro.

At a time when the planet depends on American leadership, Trump has failed.

5:45 PM · 27 de ago de 2019

27,4 mil Responder Compartilhar este post

Ler 2 mil respostas

Kamala em 2019: em crítica simultânea a Bolsonaro e a Trump, “o planeta precisa de liderança americana”

fazer acordos comerciais com o Brasil até que o Bolsonaro reverta essas políticas caóticas e apague as fogueiras. Precisamos de liderança americana para salvar nosso planeta”, argumentou.

Três dias depois, Kamala acusou Bolsonaro de ter encorajado as queimadas na Amazônia e rejeitado ajuda do G7 para combater as. “Trump declarou seu pleno apoio a Bolsonaro. Em um tempo

em que o planeta depende da liderança americana, Trump falhou”. Ainda em 2019, Kamala expressou apoio aos indígenas brasileiros afetados pelas queimadas. “O fato de o presidente do Brasil, Bolsonaro, ter atizado as chamas dos incêndios na Amazônia e enfraquecido a legislação que protege as terras indígenas colocou as pessoas em perigo”, alertou.

Harris ainda disse que

Bolsonaro deveria responder por tamanha destruição. “Qualquer destruição afeta a nós todos”. Já em 2023, enquanto vice-presidente, Kamala se posicionou acerca do ataque aos Três Poderes em 8 de janeiro daquele ano. Durante a posse da embaixadora norte-americana no Brasil Elizabeth Bagley, Harris declarou que o ato foi um “claro ataque ao processo democrático” brasileiro.

Biden turbinou engajamento nas redes sociais

» EVANDRO ÉBOLI

O anúncio feito pelo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, se retirando da disputa à reeleição, e a seguida indicação de sua vice, Kamala Harris, para substituí-lo na disputa contra Donald Trump, no último domingo, movimentou e muito as redes sociais desses protagonistas democratas. Esse histórico 21 de julho mexeu com as métricas de engajamento nas redes, provocando registro expressivo crescimento de seguidores e de interações no Instagram e no Facebook de Kamala, principalmente, e Biden.

Levantamento feito pela Ativaveb, especialista em marketing digital, para o **Correio** mostrou que o anúncio de Biden gerou um pico de atividades nas suas redes e nas de Kamala. Somente no domingo, a vice conquistou 287.998 novos seguidores no Instagram, saltando para 15.467.088. O presidente norte-americano ganhou 198.287 seguidores e alcançou 17.284.853 admiradores nessa plataforma.

Os dados apontam ainda que ambos os líderes experimentaram um aumento notável nas curtidas e comentários em suas postagens, refletindo o impacto imediato e a importância do anúncio de Biden. Os números

mostram um pico significativo tanto em curtidas quanto em comentários. Esse aumento está diretamente relacionado ao anúncio de Joe Biden de que ele não será candidato nas próximas eleições. Esse anúncio provocou uma grande reação do público, refletida no aumento de interações e no crescimento substancial de novos seguidores.

No domingo, as redes de Biden atingiram curtidas médias de 201.937 interações, além de 10.846 comentários médios. Kamala chegou a 125.393 curtidas e 4.393 comentários. “Apesar de Joe Biden ter taxas de engajamento, curtidas e comentários mais altas, ambos os políticos mostram um aumento na atividade social, indicando uma estratégia de comunicação ativa e efetiva, especialmente em momentos críticos”, apresenta o levantamento “Impacto de Eventos Críticos no Engajamento Digital: Análise Comparativa de Joe Biden, Kamala Harris e Donald J. Trump em julho de 2024”.

Kamala x Trump

A análise faz uma comparação entre Kamala e Trump, alvo de um atentado a tiro no último dia 13. Considerando os 10 últimos dias de julho, até ontem, o ex-presidente dos EUA apresenta

Ricardo Stuckert/PR



198 MIL

Quantidade de novos seguidores do presidente Joe Biden no Instagram após ele anunciar que não concorreria à reeleição.



287 MIL

Quantidades de seguidores adquiridos pela vice-presidente na mesma rede social após o anúncio de Biden no último domingo.

um aumento notável no seu engajamento nas redes, após o episódio do disparo que quase tira sua vida. Trump, que reúne cerca de 25 milhões de seguidores no Instagram, conquistou 487.911 novos apoiadores nesses últimos dias. Ele tem uma média de comentários, de cerca de 8 mil, quase o dobro de Kamala.

Ainda assim, o autor do estudo, o publicitário Alek Maracaja, diz ser muito significativo o alcance da vice-presidente e provável candidata republicada à Casa Branca. “Kamala Harris,

ao ganhar 287.998 novos seguidores no Instagram no dia do anúncio, demonstrou uma capacidade notável de mobilizar e atrair atenção em momentos críticos. Seu engajamento, embora inferior ao de Trump, mostra um crescimento significativo e um potencial fortalecimento de sua base digital”, observa o especialista.

“A vice-presidente se solidificou como uma figura-chave, não apenas politicamente, mas também como uma líder digitalmente influente, capaz de capturar a

Parceria na AL

De acordo com especialistas ouvidos pelo **Correio**, a vice-presidente democrata enxerga o Brasil como um parceiro importante na América Latina. “Harris tem demonstrado apoio à democracia no Brasil e confiança em trabalhar com a administração brasileira para enfrentar desafios comuns”, afirma o internacionalista João Cândido.

No caso de uma possível presidência, Harris deve priorizar a manutenção de laços diplomáticos, colaboração em questões de sustentabilidade, comércio e segurança, e o apoio a iniciativas democráticas no Brasil.

No entanto, o cenário não seria tão diferente do atual. “Considerando que Kamala é candidata de continuidade, poderíamos dizer que, se fosse eleita, as diferenças em relação ao Brasil seriam menores do que as de um possível governo Trump”, observa Emerson Cervi, professor de Ciência Política na Universidade Federal do Paraná.

“No entanto, quanto à política internacional em geral, historicamente, as mudanças não são tão significativas quanto internamente”, acrescentou o acadêmico.

Lula: “relação civilizada”

» HENRIQUE LESSA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva adotou um tom moderado ao comentar a desistência de Joe Biden de concorrer à Casa Branca. Em entrevista a agências de notícias internacionais, ontem, no Palácio do Planalto, Lula disse que espera que vença o melhor na eleição norte-americana. “Que vença aquele que for o melhor, aquele que o povo americano for votar”, disse.

O chefe do Planalto ressaltou a boa relação com o colega da Casa Branca. “Eu fiquei muito feliz quando o presidente Biden foi eleito e mais ainda pelos posicionamentos dele em defesa dos trabalhadores. Estabelecemos juntos uma parceria estratégica em defesa do trabalho decente no mundo”, disse.

No mês passado, contudo, o presidente comentou que era mais simpático a escolha de Biden em relação ao republicano Donald Trump, apesar de falar que prefere não opinar sobre eleições em outros países. “Eu sou simpático ao Biden, acho que ele é a certeza que os EUA vão continuar respeitando a democracia. O Trump já deu demonstração quando invadiu o Capitólio que não é uma coisa correta de se fazer, fez lá um pouco do que se tentou no Brasil em 8 de janeiro”, comentou Lula em uma entrevista para a Rádio Itatiaia.

Aos veículos estrangeiros, Lula preferiu a cautela e buscou afastar qualquer preferência direta do seu governo com o próximo candidato democrata na disputa americana. “O meu papel não é escolher presidente dos Estados Unidos, o meu papel é conviver com quem é o presidente. Então seja um candidato democrata, seja o Biden, seja o Trump, a nossa relação vai ser uma relação civilizada de dois países importantes que têm uma relação diplomática de séculos e que a gente quer manter. E que temos parcerias estratégicas importantes com os Estados Unidos, nós queremos manter”, apontou Lula.

Fontes palacianas afirmam, no entanto, que o governo Lula já trabalha com o cenário de uma reeleição de Donald Trump. Acreditam que uma vitória do republicano não deve impactar a relação entre os dois países, mas pode gerar mais ruído na diplomacia presidencial, até pela postura de Trump, considerada mais imprevisível.

CB.Poder: não é a melhor democrata, mas é competitiva

» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

Kamala Harris é uma candidata competitiva, ainda que não seja o melhor nome do partido democrata. Essa é a avaliação do professor de direito Constitucional e autor do livro “Suprema Corte dos Estados Unidos — Principais Decisões”, João Carlos Souto.

Em entrevista ao CB.Poder de ontem, o especialista vê chances de o partido de Joe Biden vencer a corrida à Casa Branca. Mas alerta para dificuldades da candidatura de Harris. “Em vários sentidos, ela é uma antítese do Trump, por isso que ela tem chance de ganhar, embora não seja a melhor candidata do Partido Democrata. Ela é mais competitiva que o Biden, mas não é a candidata mais competitiva do Partido”, observou.

Souto avaliou que os governadores da Califórnia, Gavin Newsom, e da Pensilvânia, Josh Shapiro, seriam mais candidatos mais competitivos para derrotar o ex-presidente Donald Trump. “Eu tenho até a minha chapa ideal. O Josh Shapiro ou o Gavin

Newsom como candidatos à presidência e, como candidato à vice, o senador da Geórgia Raphael Warnock, que fala muito bem e é um homem negro”, observou.

Vinte e quatro horas depois da desistência de Biden, no entanto, os principais nomes cotados pelo partido para substituir Biden em caso de desistência anunciaram, nesta segunda-feira, apoio à candidatura de Harris.

Especialista em política norte-americana, Souto comentou que a candidatura de Biden à reeleição começou a ter queda de popularidade no início da campanha, em razão da suposta fragilidade na saúde do presidente. Ainda assim, o professor entende que as fragilidades de Biden e a demora para desistir da candidatura não foram determinantes para decidir a corrida eleitoral. “A desistência poderia ter sido antes, mas não foi tardia o suficiente para influenciar o resultado da eleição. Imagino que deve ter sido doloroso para Biden ter que desistir da candidatura depois de mais de 50 anos dentro da política americana”, comentou.

Ed Alves/CB/DA.Press



João Carlos Souto afirma que Trump está longe de ser favorito: “Perdeu todas as eleições depois de 2016”

Ao comentar a perspectivas dos republicanos, Souto discorda da ideia de que a entrada de Harris tornaria mais fácil a vitória de Donald Trump. “Eu atribuo isso à misoginia. Existe uma percepção

do Partido Republicano de que há uma resistência a uma candidata mulher por parte do eleitorado daqueles estados que definem as eleições. Mas eu não creio que a Kamala seja mais fácil de derrotar

que o Biden”, argumentou.

O professor lembrou que uma das principais qualidades de Harris é o poder durante os debates. “Ela é uma excelente debatedora. A performance dela

durante os debates pode ser significativa na hora da disputa”, ressaltou.

Trump abalado

Se Kamala Harris tem desafios pela frente, a situação de Donald Trump tampouco é confortável. O professor alegou que o candidato republicano não tem a mesma força que tinha nas eleições de 2016 e, agora, com a desistência de Biden, o favoritismo do republicano é abalado.

“Donald Trump perdeu todas as eleições depois de 2016. Ele se elegeu presidente em 2016, em 2018, durante a Mid Term Election, ele perde a eleição (legislativa). Em 2020, perde de novo (para Biden). Em 2022, com o Biden no poder, o Partido Republicano ganha a eleição (para o Congresso), mas com uma disputa muito acirrada. Minha conclusão é que é um candidato enfraquecido, porque o partido está enfraquecido”, observou.

*Estagiária sob supervisão de Carlos Alexandre de Souza